



Estrutura e variação linguística na comunicação digital: fundamentos, características e o português brasileiro

Linguistic structure and language variation on digital communication: framework, characteristics, and the Brazilian Portuguese

Andrei Ferreira de Carvalhaes PINHEIRO*

RESUMO: Neste artigo, verifica-se como a literatura científica tem descrito a comunicação digital a partir das estruturas linguísticas que lhe são típicas. Aprofunda-se a reflexão sobre as interações *online*, distinguindo-as da fala e da escrita convencionais. Por fim, identificam-se alguns avanços científicos sobre o assunto desenvolvidos no Brasil a partir da língua portuguesa, além de pontos que requerem maior atenção. Para isso, desenvolve-se uma revisão crítica de literatura e se comenta sobre diferentes investigações realizadas sobre a comunicação na *Web*. Acredita-se, pois, ser necessário tratar as interações digitais como uma modalidade distinta da fala e da escrita convencionais, visto que, apesar de apresentarem traços comuns com uma ou outra modalidade, também contêm características que lhes são particulares. Defende-se também que as estruturas linguísticas sejam consideradas componentes essenciais na caracterização das instâncias comunicativas, desde aspectos grafemáticos até questões da sintaxe, reconhecendo a centralidade da variação linguística para a compreensão da prática discursiva. Finalmente, reconhece-se que no Brasil encontram-se trabalhos que partem de diferentes graus de entendimento da natureza dos textos digitais, mas parecem predominar aqueles que buscam descrever a comunicação na *Web* como mais próxima da fala ou da escrita convencional, ao contrário das recomendações de muitas pesquisas sobre as interações *online*.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação digital. Estrutura linguística. Variação linguística. Prática discursiva.

ABSTRACT: This paper verifies how scientific literature has described digital communication based on its typical linguistic structures. It deepens the thoughts on online interactions, while distinguishing them from both conventional speech and writing. It also identifies some scientific advancements on the topic developed in Brazil based on the Portuguese language, as well as some aspects which require further attention. Hence, it carries out a critical literature review, and comments on different investigations concerning virtual communication. Therefore, it argues that linguistic structure ought to be considered as essential components for characterizing communicative instances, from graphemics to syntax, while acknowledging the centrality of language variation for the description of discursive practices. Lastly, it points out that research in Brazil on this topic is based on different degrees of understanding towards the nature of digital texts; yet works which aim at describing online communication as either closer to conventional speech or writing seem to prevail, in opposition to much research's recommendation on the characterization of virtual interactions.

KEYWORDS: Digital communication. Linguistic structure. Language variation. Discursive practice.

Artigo recebido em: 08.01.2023

Artigo aprovado em: 16.03.2023

* Doutorado em Linguística pela UFRJ. andreifcpinheiro@gmail.com

1 Introdução

Devido às múltiplas inovações que o ambiente digital proporciona à interação humana, a comunicação mediada por computador tem despertado tanto o interesse midiático, quanto o interesse de linguistas (e.g., HERRING, 2001; MARCUSCHI, 2010; TAGLIAMONTE *et al.*, 2015; HERRING; ANDROUTSOPOULOS, 2015; ARAÚJO, 2016; GOMES, 2016; SQUIRES, 2016). Dos meios de comunicação de massa, por vezes se nota um desentendimento generalizado acerca dos reais efeitos da comunicação digital sobre as nossas práticas interativas, tipicamente atrelados a visões pessimistas acerca da influência da *Web* sobre a língua (cf. HERRING, 2001; 2012; FIORIN, 2008; BERGER; COCH, 2010; GOMES, 2016; ANDROUTSOPOULOS, 2011). Já da comunidade acadêmica, nota-se comumente uma postura mais branda, decorrente da análise sistemática de fatos empíricos, ainda que haja importantes divergências entre as perspectivas teóricas que norteiam a caracterização e a investigação dos usos linguísticos efetivados pelo meio digital (e.g., MARCUSCHI, 2010; ANDROUTSOPOULOS, 2011; HERRING, 2012; HERRING; ANDROUTSOPOULOS, 2015; SQUIRES, 2016).

Diante desse cenário, apresentamos esta revisão crítica de literatura com o objetivo de verificar de que maneira as estruturas linguísticas típicas da comunicação mediada por computador vêm sendo descritas em trabalhos científicos. Assim, reunimos informações e resultados já apresentados em pesquisas prévias, mas também tecemos comentários sobre eles e os relacionaremos, de acordo com a perspectiva analítica aqui adotada. Com esta verificação, pretendemos aprofundar a reflexão sobre a comunicação digital em si, situando-a diante de outras modalidades de produção linguística. Afinal, seria a comunicação digital uma mescla de propriedades típicas da fala e da escrita? Ou, ao invés disso, seria uma nova modalidade de uso linguístico, distinta do que se entende convencionalmente por fala e escrita?

Devido à escassez da literatura sobre o tema, comentamos aqui toda a produção acadêmica com que nos deparamos durante o período de produção deste artigo.

Reconhecemos, pois, a impossibilidade de esgotar as discussões aqui propostas. Os trabalhos reunidos nesta revisão de literatura foram publicados em periódicos científicos, garantindo uma avaliação prévia à publicação, ou em livros acadêmicos – muitos dos quais se dedicam integralmente a temas associados à comunicação por ambiente digital. Desses textos, alguns foram encontrados em pesquisas na plataforma Google Scholar¹, e outros já eram de nosso conhecimento, por acompanharmos pesquisadores e pesquisadoras que têm investigado práticas linguísticas na *Web*.

Com esses propósitos, organizamos o artigo da seguinte maneira: primeiro, apresentamos algumas propriedades que julgamos fundamentais para a compreensão da comunicação mediada por computador; em seguida, debruçamo-nos sobre a escrita digital e as estruturas linguísticas que lhes são características, compreendendo questões associadas à variação linguística; por fim, exploramos alguns trabalhos realizados no Brasil sobre a correlação entre o português brasileiro e a comunicação digital, a fim de verificar, ao menos em parte, o que já se avançou em termos de produção científica sobre o assunto no país e em que ainda se pode investir mais atenção.

2 Comunicação mediada por computador: fundamentos e características

A discussão sobre novos ambientes de interação humana prescinde, certamente, da sua caracterização a partir de aspectos que lhes são particulares e fundamentais. Neste artigo, por tratarmos da comunicação empreendida por meio digital, nos voltaremos de início à sistematização de algumas características do que se tem denominado amplamente de *comunicação mediada por computador*.

¹ Disponível em: <https://scholar.google.com/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

2.1 Nomenclaturas

O primeiro ponto que discutiremos abarca justamente questões de nomenclatura. Em trabalho de 2001 intitulado *Computer-mediated discourse*, Susan C. Herring define o *discurso mediado por computador* (DMC) como “a comunicação produzida quando seres humanos interagem uns com os outros ao transmitirem mensagens via computadores conectados por rede” (HERRING, 2001, p. 612; tradução nossa).² Além disso, define o DMC como uma especialização do campo de estudos mais amplo e interdisciplinar da *comunicação mediada por computador* (CMC). Assim, na perspectiva de Herring (*op. cit.*), o DMC se distingue da CMC pelo seu foco na língua e no uso linguístico em ambientes de computadores conectados por rede, e pelos métodos de análise do discurso dos quais faz uso para atingir seus objetivos. Menos de 15 anos depois, no entanto, a pesquisadora revisita seu texto de 2001 e, em coautoria com Jannis Androutsopoulos, publica o texto *Computer-mediated discourse 2.0*. Logo no início do trabalho, os autores atualizam a definição do DMC, a fim de contemplarem os avanços tecnológicos observados no interstício de 2001 e 2015:

Discurso mediado por computador (DMC) é a comunicação produzida quando seres humanos interagem uns com os outros ao transmitirem mensagens via computadores móveis ou conectados por rede, em que “computadores” são definidos abrangentemente para incluir qualquer dispositivo de comunicação digital. (HERRING; ANDROUSOPOULOS, 2015, p. 127; tradução nossa)³

A caracterização de Squires (2016) para a comunicação mediada por computador também já compreende as inovações tecnológicas que vêm sendo implementadas à comunicação digital, acrescentando uma pluralidade e uma complexidade de semioses ainda maiores à composição textual. Para a autora, o termo

² *Computer-mediated discourse* is the communication produced when human beings interact with one another by transmitting messages via networked computers.

³ *Computer-mediated discourse* (CMD) is the communication produced when human beings interact with one another by transmitting messages via networked or mobile computers, where “computers” are defined broadly to include any digital communication device.

CMC “é um designador abrangente que envolve múltiplas modalidades semióticas/linguísticas (incluindo voz, texto e imagem), além de interfaces e plataformas tecnológicas (celulares móveis, *tablets*, redes sociais, jogos *online* imersivos, ambientes de trabalho virtuais, e outros)” (SQUIRES, 2016, p. 2; tradução nossa)⁴.

Na literatura sobre o tema, diversas outras denominações vêm sendo utilizadas em referência às interações empreendidas por ambiente virtual. Além do termo *discurso mediado por computador* (que nos parece predominar na literatura especializada), também se encontram, por exemplo, *discurso escrito interativo* (*‘interactive written discourse’*, cf. ANDROUTSOPOULOS, 2011), destacando a marcante presença da escrita na *Web* e o seu aspecto de alta reciprocidade e *feedback* comunicativo; e *escrita digital conectada em rede* (*‘digital networked writing’*), um termo que, segundo Androutsopoulos (2011, p. 145), “ênfatisa o caráter dialógico e orientado pelo processo do uso da língua escrita através de redes tecnológicas e dentro de redes sociais” (tradução nossa)⁵. Neste artigo, daremos preferência pelos termos *discurso mediado por computador* (ou DMC) e *comunicação mediada por computador* (ou CMC), a fim de nos alinharmos à maior parte dos trabalhos sobre o tema com que nos deparamos – sem nos opormos, porém, a outras nomenclaturas.

Essa complexidade de denominação para a comunicação virtual deve-se, sem dúvidas, às múltiplas possibilidades que o meio digital oferece à interação humana, além das diversas mudanças pelas quais a própria rede de conectividade tem passado. De acordo com Gomes (2016, p. 86), evoluímos de uma *Web* 1.0 com computadores conectados, bastante empresarial e pouco interativa, para uma *Web* 2.0 com pessoas e comunidades conectadas, que, a partir de 2005, nos permitiu não só o consumo de

⁴ “‘Computer-mediated communication’ is a broad designator that encompasses multiple semiotic/linguistic modes (including voice, text, and image) as well as technological interfaces and platforms (mobile phones, tablets, social media, immersive online games, virtual workplace environments, and more).”

⁵ “[Digital networked writing is] a term that emphasizes the dialogical and process-oriented character of written language use through technological networks and within social networks.”

informação, mas também a produção de textos digitais, compostos por uma miríade de semioses surpreendente. Almeida (2017, p. 7040) reconhece também uma terceira fase da *Web*, conhecida como *Web 3.0*, ou *Web* semântica, em funcionamento de 2010 até 2019. O seu foco seria em customizar e otimizar as buscas *online*, com base no histórico e nos interesses dos usuários. O mesmo autor aponta ainda o nascimento de uma nova fase, a *Web 4.0*, que, quando da publicação do seu artigo, ainda estaria em seus estágios iniciais, mas já estaria oferecendo aos usuários experiências cada vez mais interativas e imersivas através das redes sociais e do acesso à internet por diversos objetos, dispositivos e veículos (ALMEIDA, 2017, p. 7044).

A nomenclatura dos padrões interacionais que se realizam no ambiente digital também tem sido questionada. A título de exemplo, destacamos as reflexões de Araújo (2016). Segundo o pesquisador, na perspectiva bakhtiniana, não devemos falar em *gêneros digitais*, visto que os gêneros são discursivos e que não existe algo que se possa considerar como esfera digital, “pois a *Web* não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendam às demandas de um suposto discurso digital” (ARAÚJO, 2016, p. 52). Entretanto, para ressaltar o processo de conectividade pelo qual os gêneros discursivos passam ao se manifestarem na *Web*, Araújo (2016, p. 53) recomenda a expressão *gêneros discursivos digitais*, “pois dessa maneira evita-se dar à *Web* o *status* de uma instância de discurso”, sem desconsiderar as particularidades dos textos produzidos no meio digital.

2.2 Parâmetros para a caracterização da CMC

A comunicação mediada por computador pode ser descrita a partir de diferentes critérios, a depender do olhar direcionado pelo analista. Nesta seção, apresentaremos algumas das propostas já encontradas na literatura.

Partindo do trabalho de Baron (2003), Tagliamonte *et al.* (2015) indicam quatro fatores situacionais para distinguir entre registros de CMC. O primeiro se refere aos *participantes* da interação e verifica se a comunicação é monológica, i.e., sem *feedback*

imediatos (em geral, mais formais), ou dialógica, i.e., com incorporação do *feedback*, tal qual costuma ocorrer na fala. Outro fator envolve a *plataforma* e, assim, levam-se em consideração características físicas do registro; e.g., computadores são diferentes de *tablets* e celulares, como também são distintas as interfaces de aplicativos e *sites* usados em cada dispositivo. Tagliamonte *et al.* (*op. cit.*) consideram ainda o *tempo* da interação e indicam que deve ser analisado se o registro é durável e independente de restrições temporais (tal qual costuma se observar na escrita), ou se é efêmero e dependente do tempo (como na fala). Por fim, voltam-se à *edição* do texto: a modalidade escrita tipicamente permite editar com facilidade a produção textual, ao contrário do que se espera para a fala.

Já Baron (2013) afirma que há dois parâmetros básicos para se definir a CMC quanto à sua estrutura: o (as)sincronismo e a quantidade de participantes. Segundo a autora, é necessário distinguir entre CMC sincrônica, i.e., transmissões essencialmente instantâneas, e CMC assíncrona, em que não se presume que os interlocutores estejam presentes para ler e responder às mensagens no mesmo momento. Além disso, opõem-se interações diádicas, i.e., de um para um, e interações de muitos para muitos, nas quais inúmeros participantes enviam mensagens a diversos interlocutores em potencial. Contudo, Baron (*op. cit.*) considera que os limites dessas categorias são frequentemente cruzados pelos usuários, visto que, e.g., e-mails podem ser usados quase sincronicamente, apesar de serem tipicamente assíncronos; e as mensagens instantâneas, predominantemente síncronas, podem ser trocadas com longos intervalos temporais.

Para Androutsopoulos (2011, p. 145), a escrita conectada em rede (*'networked writing'*) é tipicamente moldada por quatro principais condições: (i) é vernacular, i.e., não é uma escrita institucional e, então, se localiza além do controle educacional ou profissional; (ii) é interpessoal e focada na relação, ao invés de orientada pelo sujeito; (iii) é espontânea e não planejada; e (iv) é dialógica e orientada pela interação, ao carregar expectativas de que a comunicação será continuada.

É preciso ainda especificarmos quais são os aspectos inovadores apresentados pela escrita digital, diferenciando-a dos protótipos de fala e escrita amplamente descritos. Nesse sentido, Androutsopoulos (2011, p. 149) apresenta três temas em torno dos quais tais inovações podem ser encapsuladas: *oralidade*, *compensação* e *economia*. Na escrita digital interativa, observa-se uma *oralidade conceitual*, que inclui no discurso escrito aspectos reminiscentes da língua oral; em outras palavras, verifica-se uma tendência geral para essa modalidade da escrita se tornar uma transcrição da fala. Nota-se também uma *semiótica de compensação*, em que se incluem inúmeras tentativas de compensar a falta de expressões faciais ou padrões de entonação, valendo-se de recursos do teclado e dos tipos de fontes. Nisso, incluem-se, e.g., os emojis e o uso de maiúsculas para expressar emoções. Finalmente, a comunicação digital escrita se caracteriza por uma *economia linguística*, composta por estratégias de se reduzir a forma da mensagem – o que tipicamente se atribui à necessidade de se realizarem interações síncronas com rapidez, a considerações e barreiras financeiras, ou a restrições no tamanho da mensagem. No entanto, Androutsopoulos (*op. cit.*) indica que há certa contradição entre essas dimensões: e.g., para se garantir a expressividade e a compreensão na comunicação a distância, por vezes os interlocutores precisam “fugir” da economia linguística.

2.3 Fala, escrita ou uma modalidade inteiramente distinta?

Antes de passarmos à discussão específica sobre a variação linguística na comunicação digital, precisamos tratar de um ponto associado a esta questão: afinal, as interações por meio digital são manifestações mais próximas à fala, à escrita ou representam uma modalidade inteiramente distinta?

Em texto de 2010, Marcuschi define a internet e os gêneros discursivos que nela se manifestam como “eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita” (p. 22), destacando a centralidade da escrita nos textos produzidos em ambiente digital à época, ainda que apresentassem muitas semelhanças com a oralidade. Apesar disso, o

pesquisador nos adverte de que não devemos simplesmente caracterizar a escrita na *Web* como uma “fala por escrito”, pois, nas suas palavras, “o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas” (*op. cit.*). Desse modo, para Marcuschi, a análise dos gêneros discursivos digitais é tão relevante, entre outras razões, pelo fato de que eles nos oferecem a possibilidade de repensar a nossa relação com a fala e com a escrita, além de revermos tais conceitos na sua acepção tradicional.

Herring e Androutsopoulos (2015) afirmam que, no começo dos sistemas de CMC, diversos pesquisadores tentaram classificar o discurso mediado por computador ou como uma produção escrita, ou como uma produção oral digitada. Apesar disso, os autores reconhecem que o DMC não pode ser facilmente encaixado em nenhuma das duas modalidades: há semelhanças entre o DMC e outras formas de escrita, mas a comunicação digital também exhibe propriedades típicas da fala, além de características que não são encontradas nem na fala, nem na escrita convencionais. Herring e Androutsopoulos (*op. cit.*) também consideram que originalmente a maior parte da CMC era baseada no texto escrito, com mensagens digitadas em um teclado e lidas na tela de um computador; entretanto, outras semioses, como imagens, áudios e vídeos, foram se adicionando ao texto escrito, de tal forma que hoje múltiplas modalidades da CMC estão disponíveis em plataformas da *Web 2.0* e *smartphones*.

Tantas são as especificidades linguísticas (ortográficas, sintáticas, discursivas, multissemióticas) encontradas na comunicação virtual, que Herring (2012) propõe o termo *e-grammar* para representar o conjunto de propriedades que caracterizam a gramática da língua(gem) eletrônica. Adverte, porém, que o emprego desse termo não deve pressupor que haja apenas uma única gramática para todas as variedades da comunicação digital – um ponto que será aprofundado adiante.

Apesar de tantas inovações nos usos linguísticos, Androutsopoulos (2011) afirma que, na caracterização do discurso escrito interativo, ainda se mantém uma perspectiva baseada em conceitos idealizados e normativos de fala e escrita: de modo

geral, parte-se de um modelo preestabelecido de propriedades da fala e da escrita para conceitualizar a CMC como uma mistura ou um híbrido de aspectos dessas modalidades. Baron (2013, p. 126), e.g., reconhece que “[u]ma questão que continua a instigar os pesquisadores da internet é se as características estilísticas da CMC se aproximam mais da fala informal ou da escrita”; e a própria pesquisadora, na sua análise de mensagens instantâneas, defende que elas “mais se assemelham à conversa [face a face] do que à linguagem escrita” (p. 147). Também Tagliamonte *et al.* (2015, p. 4) – cujo trabalho será retomado na próxima seção – situam assim o objetivo da sua investigação, citando Baron e Ling (2003): verificar de que maneira a CMC pode ser caracterizada como um “centauro linguístico”, i.e., um registro que incorpora propriedades tanto da escrita tradicional, quanto do discurso face a face.

Diante dos inúmeros avanços já alcançados na comunicação eletrônica, Androutsopoulos (2011) propõe, então, que sigamos outra perspectiva analítica. Para o pesquisador, não devemos nos atentar apenas para as construções ou estruturas inovadoras das novas mídias; devemos observar principalmente os novos recursos e estratégias para a produção da escrita e para a criação de significados. Nisso, precisamos incluir desde a grafologia até a estrutura discursiva. Assim, Androutsopoulos (*op. cit.*) considera que estamos diante da evolução da escrita digital como um *novo domínio de comunicação* e, portanto, devemos evitar defini-la a partir das propriedades tipicamente associadas à fala ou à escrita convencionais. Enfim, na perspectiva do autor (com que concordamos), trata-se de uma *elaboração da escrita vernacular*, i.e., uma diversificação de padrões vernaculares novos e antigos; uma extensão de repertórios da escrita; uma pluralização de normas da língua escrita, sem as mesmas pressões institucionais que se impõem sobre a escrita tradicional.

3 Escrita digital, estruturas linguísticas e variação

Na introdução de um livro sobre variação, representação e mudança referentes à língua inglesa na comunicação mediada por computador, Squires (2016, p. 2) declara:

“Não importa o ambiente – seja face a face, em uma sala de chat através de um computador, ou trocando mensagens por meio de um celular –, onde há interação humana, há língua(gem)” (tradução nossa)⁶. Afirmo ainda que os usos linguísticos são responsáveis por dar às mídias digitais o seu propósito social, levando com eles “toda a sua história e as suas possibilidades, as políticas, a sua estratificação social, as suas ambiguidades estruturais, a sua mutabilidade” (*op. cit.*; tradução nossa)⁷.

Não é possível, portanto, descrevermos a língua(gem) empregada na CMC sem nos atentarmos para o caráter heterogêneo que a constitui. É este o propósito desta seção. De início, nos voltaremos a uma revisão de como a variação linguística na CMC tem sido caracterizada quanto ao seu impacto social e ao seu *status* científico. Em seguida, nos debruçaremos sobre algumas das principais características que vêm sendo identificadas para os usos linguísticos em ambiente digital – ainda que nem todos sejam efetivamente analisados a partir de uma perspectiva estritamente variacionista. Por fim, reuniremos algumas reflexões produzidas no Brasil sobre o português brasileiro na CMC, para verificar o que já temos percorrido em aspectos analíticos e o que ainda precisamos percorrer.

3.1 Caracterização da variação linguística na CMC

A internet vai corromper a língua. Conforme apontam diversos trabalhos científicos sobre as práticas linguísticas em ambiente digital, mitos distópicos como esse têm sido propagados quanto ao efeito da *Web* sobre as línguas humanas (e.g., BERGER; COCH, 2010; ANDROUTSOPOULOS, 2011; HERRING, 2012). Androutsopoulos (2011) observa que, de modo geral, não se costumam levantar problemas em relação à possível influência da CMC sobre a fala, ao contrário do que acontece com a língua escrita, especialmente com a escrita escolar. Apesar da polêmica,

⁶ No matter the environment – whether face-to-face, in a chat room through computer, or messaging via a phone – where there is human interaction, there is language.

⁷ And language takes with it to these digital spheres all of its history and possibility, its politics, its social stratification, its structural ambiguities, its mutability.

o pesquisador afirma que, segundo estudos da Linguística, a escrita digital (tipicamente informal) não tem qualquer influência sobre a produção linguística institucional escrita, visto que as características típicas da CMC digitada não são transferidas para a escrita escolar. Por isso, muitos linguistas tendem a assumir que não serão observados efeitos negativos da *Web* sobre as práticas linguísticas convencionais – ainda que Androutsopoulos (*op. cit.*) nos advirta sobre a necessidade de mais estudos sistemáticos sobre essa questão.

Além disso, Gomes (2016) considera que, em relação às atividades escolares de reflexão e produção linguísticas, as práticas de escrita no meio digital não costumam ser efetivamente contempladas, mesmo quando as atividades envolvem dispositivos tecnológicos. Isso se deve, de acordo com o autor, ao fato de que as escolas se mantêm presas a valores e padrões tradicionais que não as permitem validar e trabalhar o ambiente digital como um *locus* de interações pela via escrita.

Ao discutirem questões associadas à constituição, manutenção e propagação das normas linguísticas, Faraco e Zilles (2017) se voltam também aos textos produzidos na internet. Os pesquisadores defendem que o desenvolvimento da *Web* ampliou o uso da escrita e, ao mesmo tempo, favoreceu forças descentralizadoras sobre a normatização linguística. Veem-se representadas no ambiente digital inúmeras variedades da língua, muitas das quais até então não haviam encontrado espaço em outros meios de comunicação. Os autores levantam, portanto, duas perguntas: “Que resultados trará a ampla circulação da escrita não padronizada? Que resultados decorrerão da abertura da internet às mais diversas variedades da língua?”, e respondem: “Só o futuro dirá” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 73).

A partir da reflexão de Faraco e Zilles, lançamos luz ao seguinte fato: como todas as variedades linguísticas (e para todas as línguas), o discurso mediado por computador é bastante heterogêneo. Hoje esta afirmação é bastante intuitiva, se considerarmos uma abordagem atenta aos usos linguísticos reais. No entanto, nem sempre se pensou desta forma. De acordo com Herring (2001), já houve um período

quando constatações populares, algumas sustentadas por publicações acadêmicas, caracterizaram a CMC como “anônima”, “impessoal”, “igualitária”, “fragmentada” e “parecida com a fala”, sem diferenciar entre os tipos e usos do DMC. Acreditava-se, pois, que tais propriedades eram decorrentes do próprio meio digital, esquecendo-se dos complexos fatores técnicos e situacionais que também atuam sobre os usos linguísticos.

Atualmente, porém, as diversas evidências de variação sociolinguística na CMC já negam as afirmações de que a “língua da internet” seja um registro homogêneo. Segundo Squires (2016), os usos linguísticos na comunicação digital são tão caracterizados pela diversidade e variedade quanto as nossas práticas linguísticas fora da *Web*. Desse modo, nas palavras da autora,

Assumimos que a língua na CMC varia; a língua na CMC é representada e representa; a língua na CMC muda e é mudada. Essas premissas nos permitem as perguntas muito mais interessantes de *como*, abordadas por um leque de perspectivas analíticas, incluindo a variação linguística quantitativa, a mudança diacrônica, o contato linguístico, a ideologia linguística, a identidade sociolinguística, as redes sociais e o estilo. (SQUIRES, 2016, p. 2; tradução nossa)⁸

Tagliamonte *et al.* (2015) evidenciam algumas variações internas à comunicação digital e correlacionadas aos mesmos usuários da internet, todos estudantes universitários, à medida que produzem diferentes gêneros discursivos: e-mail, mensagem instantânea e SMS. Na investigação, foram consideradas formas típicas da CMC em inglês (e.g., acrônimos e abreviações), representações de risadas (e.g., *lol*, *haha*, *hehe*), o uso de intensificadores (e.g., *so*, *very*, *really*) e construções de referência

⁸ We take for granted that language in CMC varies; language in CMC is represented and represents; language in CMC changes and is changed. These premises position us to ask the much more interesting *how* questions, approached from a range of analytical perspectives including quantitative language variation, diachronic change, language contact, language ideology, sociolinguistic identity, social networks, and style.

temporal futura (e.g., *will*, *'ll*, *going to*, *gonna*, *shall*, *ima*). Podemos destacar três principais resultados desta pesquisa.

Em primeiro lugar, os usos *standard* da língua mantiveram-se intactos nas produções escritas não digitais dos estudantes: não houve rompimentos com as estruturas gramaticais esperadas, e não houve (ou houve pouca) infiltração de formas da CMC na escrita convencional.

Além disso, as formas da CMC, apesar de ocorrerem nos registros digitais, tiveram apenas uma frequência modesta. Mesmo assim, foi o suficiente para se tecerem algumas comparações entre os gêneros discursivos digitais estudados: o e-mail foi considerado mais formal pelos pesquisadores e mais próximo às redações convencionais, por conter frequências mais baixas das formas da CMC; por outro lado, a diferença entre a mensagem instantânea e o SMS foi apenas uma questão de grau, visto que, no momento do estudo, o SMS era mais restrito às limitações do teclado do celular, diferentemente da mensagem instantânea, tipicamente realizada pelo computador. Assim, foram observadas mais variantes de ortografia no SMS, além de algumas formas mais inovadoras.

Por fim, apesar de todas as diferenças observadas, permaneceu estável a gramática subjacente às estruturas empregadas nos gêneros analisados, com mudanças nas formas específicas usadas em cada gênero (e.g. *so* vs. *SOOO*, ou *going to* vs. *gunna*), mas sem repartição profunda de um gênero ao outro. Assim, Tagliamonte *et al.* (2015, p. 28) afirmam que “esses jovens estão navegando fluidamente por um conjunto complexo de novos registros escritos e usando convenções particulares a cada um deles – desde a língua escrita tradicional até o e-mail relativamente formal, a mensagem instantânea casual, e o SMS ousado e atrevido” (tradução nossa)⁹.

⁹ [...] these young people are fluidly navigating a complex range of new written registers and are using conventions that are particular to each one—from traditional written language to relatively formal EM to interactive, casual IM, to funky, flirty SMS.

Squires (2016) observa que atualmente a maior parte das interações e experiências dos usuários da língua se dá através de alguma forma de CMC e, por isso, defende que, para entendermos plenamente as propriedades sociais e estruturais de uma língua e seus falantes, devemos considerar todas as manifestações linguísticas possíveis, entre as quais se inclui a língua(gem) tal qual produzida em ambiente digital. Desse modo, ao pensarmos, e.g., sobre questões associadas à representação linguística, é necessário considerarmos *quem* e *o quê* estão sendo representados na língua, além de observarmos *como* isso acontece.

Cabem aqui as reflexões estruturadas por Eckert (2012) sobre a terceira onda dos estudos sobre a variação sociolinguística. Enquanto as duas primeiras ondas compreendiam o significado da variação como uma precipitação incidental do espaço social, a terceira onda aborda o significado como uma propriedade linguística essencial. Nessa perspectiva,

a variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar um conjunto completo de interesses sociais de uma comunidade. E, como tais interesses mudam continuamente, as variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; ao contrário, a sua propriedade central precisa ser a mutabilidade indexical. (ECKERT, 2012, p. 94; tradução nossa)¹⁰

Assim, a terceira onda dos estudos variacionistas entende os falantes não como sujeitos passivos e portadores estáveis de um dialeto, mas como agentes estilísticos, que seguem personalizando estilos linguísticos junto aos seus eternos projetos de construção de si como participantes ativos das comunidades nas quais se inserem.

Kiesling (2013, p. 450) afirma que questões identitárias sempre foram importantes para estudos variacionistas, ainda que diferentes acepções de identidade possam ser evocadas. Então, a fim de situar o conceito de uma maneira abrangente, o

¹⁰ Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community's social concerns. And as these concerns continually change, variables cannot be consensual markers of fixed meanings; on the contrary, their central property must be indexical mutability.

autor define *identidade* como “um estado ou processo de relacionamento entre si mesmo e o outro” (tradução nossa)¹¹, com um foco sobre o processo pelo qual os falantes usam a língua(gem) para construir as suas relações sociais. Desse modo, entende-se identidade como algo que as pessoas fazem, o que nos permite explicar algumas correlações entre categorias sociais e variáveis linguísticas.

Se tudo isso acontece nas mais diversas manifestações do uso linguístico, então também ocorre nas diferentes estruturas empregadas no que Herring (2012) denominou *e-grammar*, ou gramática eletrônica – desde aspectos ortográficos e grafemáticos, até propriedades da composição discursiva, conforme já dito anteriormente. Por essa razão, Androutsopoulos (2011) afirma haver um consenso entre diversos pesquisadores de que a estrutura grafemática da língua escrita se destaca em importância como um nível de variação linguística na CMC. O autor nota que os usuários da *Web* precisam manipular a escrita digital com atenção e ciência sobre todas as possibilidades que o meio oferece, a fim de concretizarem seus interesses comunicativos. Nas suas palavras, “para representar estruturas vernaculares e faladas, simular a prosódia ou reduzir a mensagem, os escritores [digitais] precisam lidar com a grafia de formas que vão além da ortografia normativa”; assim, eles “exploram as lacunas entre representações *standard* e não-*standard*, e se aproveitam da polivalência das correspondências entre grafemas e fonemas inerentes à maioria dos sistemas, de maneiras lúdicas, evocativas e subversivas” (ANDROUTSOPOULOS, 2011, p. 151; tradução nossa)¹².

A nosso ver, todas essas características relativas às estruturas linguísticas empregadas na comunicação mediada por computador ajudam a diferenciá-la

¹¹ Identity is a state or process of relationship between self and other.

¹² In order to represent spoken and vernacular forms, simulate prosody or shorten the message, writers must handle spelling in ways that go beyond normative orthography. Driven by the absence of institutional control as much as by the need to do contextualisation work with the written materiality of language, networked writers explore gaps between standard and non-standard representations, and exploit the polyvalence of grapheme-phoneme correspondences that is inherent in most orthographic systems in playful, evocative or subversive ways.

significativamente da fala e da escrita convencionais. Desse modo, tal qual já apontado, concordamos com a perspectiva de que a escrita digital interativa tende a representar uma modalidade linguística distinta, com algumas propriedades similares à fala e à escrita, mas com inúmeras outras que a particularizam.

3.2 Principais traços linguísticos da CMC

Nesta seção, apresentaremos algumas características estruturais da comunicação mediada por computador, conforme já apontadas na literatura científica. Quanto às pesquisas que temos desenvolvido, interessam-nos particularmente questões relativas à variação linguística (e.g., PAREDES SILVA; PINHEIRO, 2020; PINHEIRO, 2021a; 2021b; 2017). Apesar disso, devido à escassez de investigações de natureza estritamente variacionista associadas a gêneros discursivos digitais, nem todos os estudos aqui mencionados apontam para aspectos efetivamente relacionados à variação. De todo modo, por tratarmos de usos linguísticos reais, julgamos pertinente incluir todas as investigações com as quais nos deparamos.

Conforme se notará, a maior parte dos estudos citados nesta seção se volta à língua inglesa. Por um lado, decidimos deixar para a seção seguinte todas as pesquisas realizadas sobre a língua portuguesa que encontramos, a fim de situar melhor o que já se sabe sobre as correlações entre a nossa língua e a comunicação digital. Por outro, é um fato que, até onde sabemos, o inglês tem sido mais estudado do que outras línguas quanto às suas propriedades estruturais na CMC (cf. HERRING, 2012).

Em artigo publicado em 2000, Murray atesta algumas estratégias empregadas pelos usuários da CMC para reduzir o tempo necessário para se escrever uma mensagem, ou para substituir as pistas paralinguísticas e não-verbais ausentes na escrita digital. Entre tais estratégias, a pesquisadora encontrou o uso de abreviações; simplificações sintáticas, como o apagamento de sujeitos; e o uso de símbolos para expressar significado emocional, como *emoticons* ou a repetição de grafemas ('*yeesss*'). De certa forma, tais considerações são corroboradas pelas reflexões de Dabrowska

(2011, p. 14), pois, na sua análise de mensagens de texto, a pesquisadora conclui que as estratégias de redução ou simplificação linguística vão além do nível da ortografia (como contrações), atingindo também, e.g., o apagamento do pronome sujeito, especialmente do sujeito de primeira pessoa do singular. Na verdade, Dabrowska afirma que, apesar de parecerem ser relativamente universais, a frequência de estratégias de simplificação linguística tende a variar de uma língua para outra. Isso se verifica na investigação empreendida por Rafi (2014), que analisou a escrita digital de estudantes que tinham o urdu como língua primária de comunicação, e o inglês como língua acadêmica mais importante, além de ser a segunda língua de maior prestígio. Na escrita desses estudantes, Rafi observou que algumas propriedades estruturais do inglês – como pronomes sujeitos – foram mais suscetíveis ao apagamento; já no urdu, os participantes do estudo se mostraram mais cuidadosos e, assim, empregaram menos estratégias de simplificação da estrutura linguística.

No que se refere ao distanciamento da sintaxe padrão, Herring (2012) aponta que a sintaxe da língua inglesa na CMC às vezes é descrita como “telegráfica” ou fragmentada. Indica também que artigos e pronomes sujeitos podem ser omitidos no estilo informal e que são comuns mensagens sem orações completas, especialmente em gêneros caracterizados por envios breves e informais. Segundo a autora, a redução do uso de teclas é a principal razão para a omissão de termos na CMC, ao passo que os fragmentos de sentenças podem ser o resultado de mensagens que visam a emular a fala e/ou de certos sistemas de CMC que requerem envios curtos, obrigando os usuários a quebrar longas sentenças em várias mensagens.

Lembremos aqui, conforme defendido por Androutsopoulos (2011), que a caracterização da CMC a partir de propriedades típicas da fala e da escrita convencionais tende a ser lacunar, devido às inúmeras características do meio digital que o particularizam. Apesar disso, muitas pesquisas sobre usos linguísticos em ambiente digital, tal qual exposto anteriormente, seguem preocupadas em situar a internet entre os padrões da fala e da escrita. Herring (2021) também observa que,

considerando a frequência de pronomes, determinantes, auxiliares modais e partículas de negação em *corpora* eletrônicos, a CMC tem sido diferenciada de gêneros tradicionais da fala e da escrita. De modo geral, localiza-se entre os dois extremos, com gêneros síncronos (como o chat) mais próximos da fala casual, e gêneros assíncronos (como o e-mail) mais próximos da escrita formal.

Em uma investigação sobre o francês em amostra de chat, Van Compernelle (2008) se atenta à variação entre os pronomes *nous* e *on* para referência à primeira pessoa do plural. Os seus resultados indicam que *on* é quase categoricamente predominante em comparação com *nous*, o que está de acordo com pesquisas anteriores sobre o francês falado informal.

Novamente sobre a língua inglesa, ainda que não seja em uma perspectiva variacionista, Weir (2012) destaca uma característica que aproxima o inglês falado coloquial e determinados registros do inglês escrito, que, segundo o autor, podem ser considerados *registros reduzidos*, tais como diários, mensagens de texto, e-mails e outros gêneros de comunicação informal. Ele afirma que, nesses registros, podem ser omitidos pronomes sujeitos de várias pessoas e com vários referentes, como os de primeira pessoa do singular e os de terceira pessoa. Wagner (2016), a partir de entrevistas sociolinguísticas orais sobre o inglês coloquial, afirma que há, de fato, mais casos de sujeitos nulos de 1ª pessoa do singular na língua inglesa falada do que se costuma esperar; no entanto, foram apenas 311 sujeitos nulos (7,17%) contra 4.025 sujeitos plenos encontrados por ela. Surpreende-nos, pois, que diversos trabalhos sobre o inglês associem veementemente a ocorrência de sujeitos nulos de 1ª pessoa do singular à comunicação digital, sobretudo em interações informais (e.g., WEIR, *op. cit.*; MURRAY, 2000; BERGER; COCH, 2010; DABROWSKA, 2011; RAFI, 2014).

Em trabalho de 2017, Weir aponta outra característica do inglês em registros escritos reduzidos que, dessa vez, os distanciam da fala prototípica. O fenômeno ao qual ele se refere, aparentemente restrito ao inglês escrito, é o apagamento de complementos verbais, algo surpreendente de um ponto de vista analítico, visto que o

inglês não costuma ser caracterizado como uma língua de objetos nulos. Esse seria, portanto, um fator específico dos “registros escritos reduzidos”.

Reitera-se, pois, a partir dos estudos aqui mencionados, que, apesar das semelhanças entre as estruturas linguísticas típicas da CMC, a comunicação digital apresenta propriedades que a distinguem sobremaneira da fala e da escrita convencionais – o que parece ser característico da CMC como um todo, independentemente do sistema linguístico em questão.

4 O português brasileiro e a CMC

Nesta seção, discutiremos enfim algumas correlações entre o português brasileiro e a comunicação mediada por computador, situando-as diante das observações tecidas até aqui sobre os usos linguísticos em ambiente digital. Pretendemos contribuir, assim, para a sistematização dos conhecimentos produzidos no Brasil sobre a língua portuguesa manifestada no meio digital.

Também sobre o português, como sobre o inglês, poucos estudos variacionistas foram encontrados. Deparamo-nos, porém, com trabalhos que, apesar de não serem variacionistas de fato, se debruçam sobre a língua efetivamente posta em uso, estabelecendo paralelos entre diferentes gêneros discursivos, e também com trabalhos que apresentam julgamentos sobre determinadas estruturas linguísticas em ambiente digital ou sobre o próprio meio no qual elas se manifestam¹³.

Em texto de 2008, Fiorin busca derrubar o mito de que a internet vai acabar com a língua portuguesa, tanto pelas supostas agressões e ameaças à descaracterização do português padrão, quanto pelo domínio avassalador do inglês na *Web* que acabaria por fazer a língua portuguesa desaparecer. A segunda premissa, relativa à dominação pelo inglês, é obviamente falsa, visto que, por razões políticas e de uso real, inclusive

¹³ Novamente, reforçamos que esta revisão bibliográfica não se propõe a esgotar o assunto. Buscamos, como dito anteriormente, apenas apresentar um panorama geral, diante das informações que conseguimos coletar até o momento.

pelo quantitativo de falantes nativos, o português não se encontra ameaçado de extinção. Quanto ao primeiro ponto, no entanto, é necessária cautela. O autor afirma que os gêneros da internet são caracterizados “exatamente pelo fato de serem textos escritos marcados pela oralidade e pela informalidade” (FIORIN, 2008, p. 8). Ora, conforme discutimos anteriormente, não devemos tratar os textos da CMC como uma única variedade ou modalidade linguística: há muitos gêneros discursivos digitais a serem considerados e, com eles, muitas possibilidades de manifestação linguística – desde situações mais íntimas e informais até contextos mais institucionais e formais.

Já Salvador e Barros (2019, p. 63), em pesquisa empreendida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal, se propuseram a levar os participantes a perceberem, a partir de mensagens de WhatsApp, que “há uma variante de maior notoriedade na sociedade, mas que isso não é motivo para que haja o preconceito linguístico, uma vez que o que deveria haver é uma adequação ao contexto de comunicação”. Essa abordagem se mostra pertinente em contexto educacional, visto que é função da escola ampliar o repertório linguístico dos estudantes, a fim de contemplar formas linguísticas de prestígio que não seriam facilmente acessadas e incorporadas pelos estudantes nas suas práticas discursivas rotineiras. Contudo, as autoras do artigo apontam como *erros* ou *incorreções* diversas ocorrências linguísticas nas mensagens analisadas (como a concordância não padrão em *os titan*, ao invés de *os titãs*, e o uso de *onde* sem indicar lugar). Além disso, demonstram uma postura prescritivista ao descreverem, e.g., o uso do pronome nominativo na função de objeto direto, que, nas palavras das pesquisadoras, “*deve* aparecer como sujeito antes do verbo” (SALVADOR; BARROS, 2019, p. 61; destaque nosso). Desse modo, as autoras não demonstram uma verdadeira compreensão da língua tal qual efetivamente produzida em ambiente digital; apresentam, na verdade, um apontamento das lacunas que a escola supostamente precisa suprir.

Também em análise de textos produzidos no WhatsApp, Vieira e Brito (2020) apontam que as abreviações representam uma característica regular do internetês

nessa plataforma. Atestaram, pois, formas abreviadas em 99,65% nos termos utilizados. Além disso, caracterizaram algumas substituições ortográficas (como a troca de *ch* por *x*), presentes em 86,66% das formas linguísticas empregadas, como traços que aproximam o internetês da fala, por serem substituições que exploram a correlação entre grafema e fonema. Entretanto, esta investigação, embora se fundamente na Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (2008 [1972]), restringe-se apenas a aspectos de ortografia, não investigando outros níveis de variação linguística. Apesar disso, vale lembrar o apontamento de Androutsopoulos (2011) de que, especialmente no discurso mediado por computador, inovações ortográficas ganham tanta relevância que talvez possam ser elevadas ao *status* de variantes linguísticas.

Por outro lado, a pesquisa de Othero *et al.* (2018, p. 72) analisa, a partir da variação do objeto direto de 3ª pessoa, dois *corpora* de português escrito que “trazem características de oralidade e tentam se aproximar da fala”, a saber: histórias em quadrinhos e postagens no Twitter. Nas histórias em quadrinhos, os autores esperavam encontrar preferência por objetos nulos e pronomes plenos, além de percentuais reduzidos do clítico acusativo (variante aprendida sobretudo por intermédio da escolarização). Abaixo, exemplificam-se respectivamente estas variantes a partir de dados encontrados pelos pesquisadores (OTHERO *et al.*, 2018):

- (1) Vi o “Esquadrão Suicida” e achei ___ fraco. (p. 70)
- (2) Fui no trabalho do moção, mas não vi **ele**. (p. 70)
- (3) Eu sei de um jeito para afiar as unhas, mas eu acho que você vai deixá-**las** crescer. (p. 74)

A expectativa dos autores foi parcialmente alcançada, visto que a soma dos percentuais de objetos nulos e de pronomes plenos ultrapassou o total de clíticos, mas, ainda assim, o percentual de clíticos acusativos foi surpreendente (25%), algo não esperado para textos representativos da fala. Já em relação às postagens no Twitter, Othero *et al.* esperavam encontrar predominância de objetos nulos, seguida de

retomadas com pronomes plenos e a ausência de pronomes clíticos de 3ª pessoa. Foram, pois, exatamente estes os resultados encontrados, aproximando os *posts* no Twitter de produções tipicamente orais.

Semelhante ao trabalho de Othero *et al.*, destacamos a pesquisa que desenvolvemos em Pinheiro (2021a). Nesta investigação, debruçamo-nos sobre a variação do objeto direto de 3ª pessoa em diferentes gêneros discursivos: duas amostras representativas da escrita digital informal, o chat do Facebook Messenger e o chat do WhatsApp; uma amostra de cartas pessoais; e uma amostra de entrevistas sociolinguísticas orais. Na comparação entre os *corpora*, o objeto nulo se mostrou predominante na escrita digital informal (77% no Facebook Messenger e 64,2% no WhatsApp), que, além disso, apresentou baixos índices do clítico acusativo (5% no Facebook Messenger e 0,8% no WhatsApp). Isso aproxima os chats dos dados de fala, nos quais também se observa índice mais alto do objeto nulo (53%), além da ausência do clítico acusativo. Já na amostra de cartas, gênero representante da escrita convencional, o objeto nulo (43%) e o clítico (38%) foram observados em percentuais equilibrados, distinguindo-se da escrita digital no que se refere à expressão dessa variável.

Voltamos agora a duas outras análises que, apesar de não serem variacionistas, também se atentam a estruturas linguísticas apreendidas do uso. Em Santos (2021), comparam-se notícias políticas impressas e digitais a partir de ocorrências de sintagmas nominais (SNs) complexos, aqueles que possuem “mais elementos do que o determinante e o núcleo, ou seja, são SNs compostos por dois ou mais itens lexicais” (p. 144). A autora observou maior frequência dessas estruturas nas notícias impressas do que nas notícias digitais; notou ainda que os sintagmas nominais de maior complexidade também se fizeram mais frequentes nos dados de texto impresso, o que, nas suas palavras, ratifica a hipótese “de que há uma complexidade estrutural maior nas notícias políticas impressas, motivada pelo suporte, pelas condições de produção, pelo tempo de planejamento etc.” (SANTOS, 2021, p. 152).

Por fim, ressaltamos a pesquisa de Lé (2021) acerca das estratégias de referenciação no gênero *tweet*. A pesquisadora descreve diversas especificidades desse gênero discursivo que influenciam nos processos referenciais e inferenciais, nos quais atuam fatores linguísticos, sociocognitivos e funções hipertextuais. Assim, entre os aspectos da composição dos *tweets* descritos por Lé, destacam-se, e.g., o limite de 280 caracteres; a busca de conteúdo através de *hashtags*; a identificação de usuários por meio do recurso @____; e a inserção de imagens, vídeos e gifs, o que contribui para a constituição multimodal do gênero.

Acreditamos, deste modo, que os trabalhos aqui mencionados representam a pluralidade de perspectivas presentes no Brasil acerca da correlação entre usos linguísticos e a comunicação mediada por computador. Notam-se, de um lado, trabalhos que parecem não indicar compreensão aprofundada das particularidades da CMC, como os de Fiorin (2008) e Salvador e Barros (2019). De outro, temos investigações que, apesar de se debruçarem mais a fundo nos gêneros discursivos analisados, buscam caracterizar a comunicação digital a partir de parâmetros já estabelecidos para a fala e a escrita convencionais, como os de Vieira e Brito (2020), Othero *et al.* (2018), Pinheiro (2021a) e Santos (2021), ao contrário do que se vem recomendando entre muitos estudiosos da internet. Por fim, identificamos na pesquisa de Lé (2021) um exemplo de investigação que busca descrever as propriedades de um gênero da escrita digital a partir dos traços que lhe são particulares, distinguindo-os da oralidade e da escrita prototípicas.

5 Considerações finais

Diante dos estudos aqui sintetizados, acreditamos que é necessário tratarmos a comunicação mediada por computador como uma modalidade distinta da fala e da escrita convencionais, ainda que compartilhe traços com elas. Para que isso ocorra, faz-se preciso ampliarmos o leque de investigações atentas às propriedades características da comunicação digital, entre as quais se devem considerar fenômenos linguísticos

variáveis, desde aspectos grafemáticos até questões da sintaxe, como componentes dos gêneros discursivos em questão, por meio dos quais os usuários da língua negociam diversos significados e as suas próprias identidades. Entendemos também que é importante explorarmos ainda mais profundamente a representação cognitiva da comunicação digital, manifestada em diferentes gêneros discursivos, junto às formas linguísticas que lhes são típicas, e é sobre este ponto que empreenderemos novas análises em nossa pesquisa.

Referências

ALMEIDA, F. Concept and dimensions of Web 4.0. **International journal of computers and technology**, v. 16, n. 7, p. 7040-7046, 2017. Disponível em: <https://rajpub.com/index.php/ijct/article/view/6446>. Acesso em: 02 mar. 2023. DOI <https://doi.org/10.24297/ijct.v16i7.6446>

ANDROUTSOPOULOS, J. Language change and digital media: a review of conceptions and evidence. In: COUPLAND, N.; KRISTIANSEN, T. (ed.). **Standard languages and language standards in a changing Europe**. Oslo: Novus Press, 2011. p. 145-159. Disponível em: <https://jannisandroutsopoulos.files.wordpress.com/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ARAÚJO, J. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-64.

BARON, N. Enunciados segmentados em MIs. Tradução de Tania G. Shepherd. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (org.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 125-155.

BARON, N. S. Language of the internet. In: FARGHALI, A. (org.). **The Stanford handbook for language engineers**. Sanford, CA: CSLI Publications, 2003. p. 1-63.

BARON, N. S.; LING, R. IM and SMS: a linguistic comparison. **Fourth International Conference of the Association of Internet Researchers**, Toronto, October 16-19, 2003.

BERGER, N. I.; COCH, D. Do u txt? Event-related potentials to semantic anomalies in standard and texted English. **Brain & Language**, v. 113, p. 135-148, 2010. DOI <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2010.02.002>

DAŁBROWSKA, M. Language economy in short text messages. **Studia Linguistica Universitatis Iagellonicae Cracoviensis**, v. 128, p. 7-21, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.2478/v10148-011-0012-6>

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/>. Acesso em 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FIORIN, J. L. A internet vai acabar com a língua portuguesa? **Texto livre**, v. 1, p. 2-9, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.17851/1983-3652.1.1.2-9>

GOMES, L. F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? *In*: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 81-92.

HERRING, S. C. Grammar and electronic communication. *In*: CHAPPELLE, C. (ed.), **Encyclopedia of Applied Linguistics**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p. 2338–2346. Disponível em: <https://ella.sice.indiana.edu/~herring/e-grammar.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1002/9781405198431.wbeal0466>

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (org.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 612-634. DOI <https://doi.org/10.1002/9780470753460.ch32>

HERRING, S. C.; ANDROUTSOPOULOS, J. Computer-mediated discourse 2.0. *In*: TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.; SCHIFFRIN, D. (org.). **The Handbook of Discourse Analysis**, 2. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2015. p. 127-151. Disponível em: <http://info.ils.indiana.edu/~herring/herring.androutsopoulos.2015.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1002/9781118584194.ch6>

KIESLING, S. F. Constructing Identity. *In*: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2ª ed., 2013. p. 448-467. DOI <https://doi.org/10.1002/9781118335598.ch21>

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LÉ, J. B. Referenciação em *tweets* jornalísticos. In: PAIVA, M. C.; SANTOS, L. C.; PINHEIRO, A. F. C. (org.). **Sintaxe, língua em uso e análise de gêneros: uma homenagem a Vera Lúcia Paredes Silva e a sua contribuição à Linguística**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 193-220. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555501650-08>

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

MURRAY, D. E. Protean communication: The language of computer-mediated communication. **TESOL Quarterly**, v. 34, n. 3, p. 397-421, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3587737>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.2307/3587737>

OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; MADRID, L.; ROSITO, R. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com características de fala. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, mai./ago., p. 68-89, 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i45.1113>

PAREDES SILVA, V. L.; PINHEIRO, A. F. C. A escrita na *web* e variação linguística: sujeito, objeto direto, blogs e WhatsApp. In: DIAS, N. B.; ABRAÇADO, J. (org.). **Estudos sobre o português em uso**. Uberlândia: Pangeia, 2020. p. 214-223. Disponível em: <https://editorapangeia.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

PINHEIRO, A. F. C. **Das cartas aos chats: a variação do objeto direto de 3ª pessoa e a escrita informal no papel e na web**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021a. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555501650-10>

PINHEIRO, A. F. C. Objeto direto de 3ª pessoa na caracterização do Facebook Messenger: contribuições da sociolinguística para a análise do gênero chat. In: PAIVA, M. C.; SANTOS, L. C.; PINHEIRO, A. F. C. (org.). **Sintaxe, língua em uso e análise de gêneros: uma homenagem a Vera Lúcia Paredes Silva e a sua contribuição à Linguística**. São Paulo: Blucher, 2021b. p. 251-280. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

PINHEIRO, A. F. C. A variação do objeto direto de 3ª pessoa em uma escrita próxima à fala: conversas de WhatsApp. **Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: pesquisa linguística e compromisso político**, 2017. p. 154-165. Disponível em: <https://www.abralin.org/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

RAFI, M. S. Meaning Making Through Minimal Linguistic Forms in Computer-Mediated Communication. **SAGE Open**, v. 4, p. 1-12, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1177/2158244014535939>

SALVADOR, A. M.; BARROS, A. L. E. C. Um estudo sobre variação linguística no WhatsApp. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 10, n. 29, p. 46-65, 2019. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/>. Acesso em: 06 jan.2023.

SANTOS, L. C. Do impresso ao digital: a correlação entre sintagmas nominais complexos e o gênero notícia política. In: PAIVA, M. C.; SANTOS, L. C.; PINHEIRO, A. F. C. (org.). **Sintaxe, língua em uso e análise de gêneros: uma homenagem a Vera Lúcia Paredes Silva e a sua contribuição à Linguística**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 137-157. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555501650-06>

SQUIRES, L. Introduction: Variation, representation, and change in English in CMC. In: SQUIRES, L. (ed.). **English in Computer-Mediated Communication: Variation, Representation, and Change**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2016. p. 1-14. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110490817-002>

TAGLIAMONTE, S. A.; USCHER, D.; KWOK, L.; *et al.* So sick or so cool? The language of youth on the internet. **Language in Society**, v. 45, p. 1-32, 2015. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1017/S0047404515000780>

VAN COMPERNOLLE, R. A. *Nous* versus *on*: Pronouns with first-person plural reference in synchronous French chat. **Canadian Journal of Applied Linguistics**, v. 11, n. 2, p. 85-110, 2008. Disponível em: <https://journals.lib.unb.ca/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

VIEIRA, D. D.; BRITO, L. T. A. Variação linguística no WhatsApp: um estudo de caso. **Revista Educação e Linguagens**, v. 9, n. 18, p. 403-414, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.33871/22386084.2020.9.18.403-414>

WEIR, A. Left edge deletion in English and subject omission in diaries. **English Language and Linguistics**, v. 16, n. 1, p. 105–29, 2012. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/english-language-and-linguistics/>. Acesso em: 06 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1017/S136067431100030X>

WEIR, A. Object drop and article drop in reduced written register. **Linguistic Variation**, v. 17, n. 2, p. 157-185, 2017. Disponível em: <https://awweir.com/research/>. Acesso em: 08 jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.1075/lv.14016.wei>